

doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.41.115.AO09>

Sofrer além do corpo: o sofrimento ético-político na vivência LGBTQIA+

Suffering beyond the body: the ethical-political suffering in the LGBTQIA+ experience

Sufrir más allá del cuerpo: el sufrimiento ético-político en la experiencia LGBTQIA+

Laila Vefago de Souza
Faculdades ESUCRI
<https://orcid.org/0009-0006-2240-9175>
lailavefago@hotmail.com

Marieli Mezari Vitali
Universidade Federal de Santa Catarina,
<http://orcid.org/0000-0003-0052-7788>

Resumo

Esta pesquisa qualitativa exploratória teve como objetivo discutir as influências do sofrimento ético-político nas experiências da população LGBTQIA+. A investigação ocorreu por meio de um questionário on-line, no qual foram obtidos 38 participantes, predominantemente mulheres cisgênero e pessoas bissexuais, com idades entre 23 e 27 anos. Assim, identificaram-se diversas formas de violência que afetam a vivência LGBTQIA+, destacando-se a violência psicológica como a mais vivenciada. As formas de violência expostas contribuem para a manifestação do sofrimento ético-político, o qual é intensificado pelas interseccionalidades e se expressa principalmente por meio repressão de desejos e afetos em diversos contextos, assim como pela repressão de circular entre os espaços livremente. Portanto, a saúde mental da população LGBTQIA+ é amplamente afetada pelas injustiças sociais enfrentadas, resultando em ideações suicidas e sofrimentos ético-político. Essas descobertas evidenciam a importância de realizar pesquisas-ação sobre a temática abordada e atuar no enfrentamento à LGTBfobia.

Palavras-chave: LGBTQIA+; violência; sofrimento ético-político.

Abstract

This exploratory qualitative research aimed to discuss the influences of ethical-political suffering on the experiences of the LGBTQIA+ population. The investigation took place using an online questionnaire, which obtained 38 participants, predominantly cisgender women and bisexual people, aged between 23 and 27. Thus, various forms of violence affecting LGBTQIA+ experience were identified, with psychological violence standing out as the most commonly experienced. The forms of violence exposed contribute to the manifestation of ethical-political suffering, which is intensified by intersectionalities and is expressed mainly through the repression of desires and affections in various contexts, as well as the repression of moving freely between spaces. Therefore, the mental health of the LGBTQIA+ population is largely affected by the social injustices they face, resulting in suicidal ideation and ethical-political suffering. These findings highlight the importance of carrying out action-research on the subject and taking action to combat LGTBphobia.

Palavras-chave: LGBTQIA+; violence; ethical-political suffering.

Resumen

Esta investigación cualitativa exploratoria tuvo como objetivo discutir las influencias del sufrimiento ético-político en las experiencias de la población LGBTQIA+. La investigación se llevó a cabo mediante un cuestionario online, en el que se obtuvieron 38 participantes, predominantemente mujeres cisgénero y personas bissexuales, con edades comprendidas entre los 23 y los 27 años. Se identificaron diversas formas de violencia que afectan a la experiencia LGBTQIA+, destacando la violencia psicológica como la más comúnmente experimentada. Las formas de violencia expuestas contribuyen a la manifestación del sufrimiento ético-político, que se intensifica por las interseccionalidades y se expresa principalmente a través de la represión de los deseos y afectos en diversos contextos, así como la represión de moverse libremente entre espacios. Por lo tanto, la salud mental de la población LGBTQIA+ se ve afectada en gran medida por las injusticias sociales que enfrentan, lo que resulta en ideación suicida y sufrimiento ético-político. Estas conclusiones ponen de relieve la importancia de llevar a cabo investigaciones sobre el tema y de tomar medidas para combatir la LGTBfobia.

Palavras-chave: LGBTQIA+; violencia; sufrimiento ético-político.

Introdução

A sigla LGBTQIA+ é utilizada para representar o movimento político e social formado por lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros ou travestis¹, *queer*, intersexuais, assexuais e todos aqueles que pertencem ao amplo espectro de orientação sexual e identidade de gênero. A identidade de gênero é uma experiência subjetiva que não se resume ao aspecto biológico, sendo, portanto, uma construção social que pode ou não corresponder ao gênero atribuído ao nascer (Piscitelli, 2009). A orientação sexual, por sua vez, pode ser compreendida como a expressão dos desejos e afetos de cada sujeito, envolvendo aspectos biológicos, sociais e culturais (Caceres Gonçalves & Peres Gonçalves, 2021). Contudo, essa população não é formada somente por terminologias, são pessoas que, perante a sociedade brasileira, compartilham uma vivência em comum: a violência. Dados expostos pelo Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil (2023) apontam que o Brasil ocupa, atualmente, o topo do ranking de países que mais matam LGBTQIA+ no mundo. Estima-se que em 2022, a cada 32 horas, uma pessoa LGBTQIA+ foi violentamente assassinada no país.

Compreende-se a violência – do latim *vis*, força – como todo ato de força e violação da liberdade e dos direitos de alguém, caracterizada pela coerção, tortura e brutalidade física e psíquica. Em suma, a violência é uma injustiça presente nas relações intersubjetivas e sociais, determinada pela opressão e crueldade (Chauí, 2019). No que se refere aos tipos de violência, Dahlberg e Krug (2006) dividem-na em três categorias: violência autodirigida, que se subdivide em comportamento suicida e autoagressão; violência interpessoal, que se divide em violência entre família/parceiros íntimos e violência na comunidade, no qual não há relação pessoal entre os sujeitos; e violência coletiva, que está subdividida em violência social, política e econômica. Em relação à natureza da violência, descrevem-na como: física, sexual, psicológica e de privação ou abandono.

A violência é descrita por Minayo (2006) como um fenômeno sócio-histórico movido pelo desejo de poder e de “aniquilamento do outro” (p. 13). Este anseio por

¹ A escolha pela utilização do termo travesti neste estudo se deu devido à sua representatividade no movimento LGBTQIA+ e sua potência política.

aniquilar o outro é expressado por meio da LGBTfobia, motivada por ódio, aversão e desprezo àqueles que desviam da norma de sexualidade e gênero (MDH, 2018). Retornando a Chauí (2019), a autora relata que a violência se opõe à ética, pois esta compreende o ser humano em sua razão, linguagem, vontade e sensibilidade, enquanto a violência os retira deste lugar e os coloca em posição de coisa. Desse modo, a violência dirigida às pessoas LGBTQIA+ tem como principal intuito tomar-lhes o direito sobre a vida e tudo o que dá sentido a ela.

Ao compreender o contexto de opressão e violência em que pessoas LGBTQIA+ são perversamente incluídas, torna-se fundamental discutir sobre as consequências dessas vivências no que se refere à saúde mental. Entretanto, é preciso delinear novas discussões fugindo do olhar biologizante dos processos saúde-doença, e refletir sobre as especificidades do sofrimento presente nas experiências dessa população. Diante disso, optou-se por utilizar, neste estudo, o conceito de sofrimento ético-político, o qual foi proposto por Bader Sawaia e visa indicar que a origem do sofrimento não se encontra no sujeito que sofre, mas sim na situação social em que ele está inserido (de Baére & Zanello, 2023).

Sawaia (2001) inspira-se em Agnes Heller, Espinosa e Vygotsky na definição do conceito de sofrimento ético-político em virtude da compreensão positiva dos autores sobre as emoções e da superação da afetividade como um fenômeno negativo, antagônico à razão e à ordem. Com base em Heller, a autora realiza uma distinção entre dor e sofrimento que dá sentido ao sofrimento ético-político. Assim, relata que a dor é inerente à condição humana, diz respeito às implicações das relações e da capacidade dos sujeitos de sentirem. Em contrapartida, o sofrimento é definido como “a dor mediada pelas injustiças sociais” (p. 102), ou seja, uma dor que não afeta a todos, mas aqueles que vivenciam a opressão e a exclusão social, como é o caso da população LGBTQIA+.

Em síntese, o sofrimento ético-político expressa a vivência cotidiana da desigualdade social, principalmente “a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade” (Sawaia, 2001, p. 104). Desse modo, compreendendo o significado de sofrimento e a expressão do sofrimento ético-político, entende-se que a situação social em que se insere a população LGBTQIA+ confere significado à utilização do conceito. Dias e Arruda (2021) afirmam este sentido ao dizer que as travestis não vivenciam o sofrimento do mesmo modo que

outros atores sociais, “elas experimentam o sofrimento que o ser travesti, nas condições concretas de vida – marginalização, estigmatização, violências – encerra” (p. 191).

Objetivo

Diante do exposto, este estudo possui como principal objetivo discutir sobre as influências do sofrimento ético-político nas experiências da população LGBTQIA+, apoiado em reflexões sobre violência e saúde mental. Assim, visa compreender de que modo a violência suscita o sofrimento que os afeta, entendendo que o sofrer desta população é permeado por inúmeras injustiças sociais – opressão, violência, discriminação e exclusão – e não se constitui unicamente em seus corpos. Em outras palavras, o sujeito sofre em seu corpo, mas a origem do sofrimento está além dele. Neste sentido, o presente estudo é guiado pelo seguinte questionamento: Quais são os atravessamentos do sofrimento ético-político na vivência LGBTQIA+?

Método

Esta é uma pesquisa de metodologia exploratória e natureza qualitativa, que buscou coletar dados sociodemográficos e situações de vida da população LGBTQIA+ nos contextos de saúde mental, violência e sofrimento ético-político. Desse modo, optou-se pela pesquisa qualitativa porque viabiliza um contato mais direto com os sujeitos do estudo, e exploratória, pois visa compreender melhor a vivência de uma população, torná-la mais clara e propor problemas ou soluções (Gil, 2008).

A pesquisa obteve um total de 38 participantes, no qual todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e se enquadraram nos critérios de inclusão, sendo estes: pessoas que se autoidentificam como LGBTQIA+, com idade superior a 18 anos e que residam no Brasil. Ressalta-se que, devido não ter sido requisitada a identificação dos participantes da pesquisa, decidiu-se utilizar nomes de ativistas e artistas brasileiros LGBTQIA+ para representá-los, bem como prestar uma homenagem a figuras tão importantes para o movimento. Em relação à caracterização dos participantes, suas idades correspondem a: 18-22 (n=10), 23-27 (n=19), 28-32 (n=5) e 33-37 (n=3). No que se refere à identidade de gênero, os participantes se autoidentificam como: mulher cisgênero (n=25), homem cisgênero (n=10) e não-binário (n=3). Quanto à orientação

sexual, se autoidentificam como: bissexual (n=18), lésbica (n=9), gay (n=6), pansexual (n=4) e assexual (n=1). Para fins de organização, a Tabela 1 apresenta as demais características sociodemográficas dos participantes. Observa-se um destaque para pessoas brancas, de Santa Catarina, com alta escolarização, provenientes de famílias com baixa e média escolarização e renda familiar mensal de dois a quatro salários mínimos.

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica dos participantes.

Características	n
Raça/cor (segundo IBGE)	
Branco	33
Pardo	4
Amarelo	1
Estado	
Santa Catarina	33
Rio Grande do Sul	2
Bahia	1
Goiás	1
Paraíba	1
Quantas pessoas moram na casa	
Uma a três	27
Quatro a sete	6
Mora sozinho(a)	4
Oito a dez	1
Tipo de moradia	
Própria	23
Alugada	12
Cedida	3
Escolaridade do participante	
Ensino Superior	22
Ensino Médio	8
Pós-graduação	7
Tecnólogo	1
Escolaridade do pai do participante	
Ensino Fundamental	14
Ensino Médio	13
Ensino Superior	7
Pós-graduação	3
Nenhum tipo de educação formal	1
Escolaridade da mãe do participante	
Ensino Fundamental	14
Ensino Médio	11
Pós-graduação	3
Ensino Superior	10
Está trabalhando atualmente	
Sim	32
Não	6
Renda familiar mensal	
De dois a quatro salários mínimos	17
De cinco a seis salários mínimos	8
Até um salário mínimo	7
Mais que sete salários mínimos	6

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

O instrumento utilizado na pesquisa foi um questionário on-line desenvolvido na plataforma de pesquisas *Google Forms*. O questionário foi dividido em duas seções, sendo a primeira de perguntas sociodemográficas e a segunda contendo perguntas de situações de vida, que foram categorizadas em saúde mental, violência e sofrimento ético-político. Com isso, foram realizadas 14 perguntas sociodemográficas, que correspondiam à idade, gênero, sexualidade, raça/cor (segundo IBGE), estado, trabalho, condição socioeconômica e nível de escolaridade, conforme exposto anteriormente na Tabela 1. As perguntas de situações de vida seguiram o método de perguntas semiestruturadas, totalizando 14 perguntas, as quais podem ser observadas através do Quadro 1.

Quadro 1. Apresentação das perguntas que compuseram a pesquisa.

Categoria	Pergunta	Tipo de resposta
Saúde mental	Você já frequentou o CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) alguma vez? Se sim, qual atendimento você recebeu?	Resposta única <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim, atendimento psicológico <input type="checkbox"/> Sim, atendimento psiquiátrico <input type="checkbox"/> Sim, atendimento multiprofissional
	Em algum momento da sua vida você teve ideação suicida?	Resposta única <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
	Há quanto tempo você vivenciou a ideação suicida?	Resposta única <input type="checkbox"/> Menos de 6 meses <input type="checkbox"/> De 6 meses a 1 ano <input type="checkbox"/> De 1 ano a 2 anos <input type="checkbox"/> De 2 anos a 4 anos <input type="checkbox"/> Mais de 5 anos
	A ideação suicida ocorreu após vivenciar uma situação de violência?	Resposta única <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
	Você já recebeu algum diagnóstico em saúde mental (como ansiedade, depressão) enquanto descobria ou após descobrir sua identidade de gênero ou orientação sexual? Se sim, qual?	Escrita
	Violência	O que é violência para você?
Você já sofreu algum tipo de violência por conta da sua identidade de gênero ou orientação sexual?		Escrita
O que você considera violência? (mais de uma opção possível)		Múltipla escolha <input type="checkbox"/> Violência física: quando utiliza-se da força física para oprimir, ferir ou causar qualquer dano físico

		() Violência psicológica: quando utiliza-se palavras ou atos ofensivos como forma de agressão. São ameaças, humilhações, intimidações e chantagens () Violência sexual: quando há imposição de cunho sexual sem consentimento, isto é, assédios, abusos e violações () Violência econômica: quando há retenção de bens ou imposição de dependência econômica () Violência intrafamiliar: quando ocorre no convívio familiar. Engloba maus-tratos físicos, psicológicos, sexuais, econômicos ou patrimoniais () Violência social: quando grupos minoritários são reprimidos e oprimidos, através de discriminação, segregação e intolerância
	Você já vivenciou alguma dessas violências citadas anteriormente? Se sim, quais?	Escrita
	Como você se sentiu após vivenciar essa violência?	Escrita
Sofrimento ético-político	Você sabe o que significa "sofrimento ético-político"?	Resposta única () Sim () Não
	O sofrimento ético-político é um conceito proposto por Bader Sawaia para descrever o sofrimento produzido pelas injustiças sociais, caracterizando-se por sentimentos de desvalor, inferioridade, humilhação e repressão dos desejos e afetos das pessoas em situação de desigualdade social. Você já se sentiu assim? Se sim, poderia contar um pouco sobre essa experiência?	Escrita

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A coleta dos dados ocorreu entre os dias 29 de março e 5 de abril de 2023. Para isso, utilizou-se a técnica bola de neve, ou *snowball*, que consiste em redes de referências e indicações, tornando possível realizar pesquisas com populações de difícil acesso e cujo assunto possui certa sensibilidade (Bockorni & Gomes, 2021). Desse modo, o link do questionário e o texto informativo sobre a participação foram compartilhados via *WhatsApp*, *Instagram* e *Twitter* conforme a rede de pessoas próximas à pesquisadora que, por sua vez, divulgaram a pesquisa para outras pessoas que se encaixavam nos critérios de inclusão.

Os dados coletados foram inseridos em um *corpus*, no qual os dados referentes às perguntas sociodemográficas e semiestruturadas foram coletados, agrupados e

organizados. Posteriormente, os dados sociodemográficos foram analisados por análise estatística descritiva e os conteúdos das perguntas abertas analisadas por meio da análise de conteúdo do tipo categorial (Bardin, 2016). Segundo a autora, esta análise consiste em três períodos: a) pré-análise; b) exploração do material; c) tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Sendo assim, inicialmente foi realizada a leitura de familiarização e posteriormente os dados foram agrupados em categorias conforme os conteúdos (em comum e especificidades) identificados nas respostas dos participantes.

O presente estudo pautou-se nos preceitos éticos da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, que diz respeito à garantia de proteção e sigilo sobre a identidade dos participantes, utilizando os dados coletados para fins científicos, sem identificação. Além disso, contou com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), presente na primeira página do questionário on-line. Esta pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Esucri, sob parecer de número: 5.970.266.

Resultados

Saúde mental

Inicialmente, buscou-se obter informações sobre a frequência dos participantes no Centro de Atenção Psicossocial² (CAPS). Desse modo, os resultados apontaram que 31 dos participantes nunca frequentaram o serviço. Por sua vez, 3 pessoas responderam que receberam atendimento psiquiátrico no CAPS, 2 receberam atendimento psicológico e 2 receberam atendimento multiprofissional. Esse resultado pode estar relacionado com as condições sociais dos participantes da pesquisa, uma vez que a maioria deles possui ensino superior, possui residência própria e tem renda familiar mensal situada entre dois e quatro salários mínimos. Portanto, essa realidade contrasta com o contexto social dos usuários de serviços públicos, como o CAPS.

Um dos objetivos da categoria de saúde mental era investigar se os participantes foram diagnosticados com algum transtorno psíquico durante ou após a descoberta de

² O CAPS é um serviço de saúde aberto à comunidade e voltado para o cuidado de pessoas em sofrimento psíquico grave e persistente. É um importante serviço no que se refere ao cuidado em saúde mental, sobretudo devido à sua promoção da autonomia, cidadania e inclusão social dos usuários (Brasil, 2015).

suas identidades de gênero e/ou orientações sexuais. Com isso, 17 participantes afirmaram ter recebido algum diagnóstico, 13 responderam que não e 9 não responderam a essa questão. Entretanto, não foram colhidas maiores informações acerca do não recebimento de diagnóstico, se foi devido a não necessitarem de atendimento ou devido a não terem acesso à serviços de saúde mental. Isso posto, os diagnósticos citados foram: transtorno de ansiedade (n=15), transtorno depressivo (n=13), transtorno de personalidade (n=1) e transtorno de humor (n=1), ressaltando que alguns participantes mencionaram mais de um diagnóstico.

Quando questionados se já vivenciaram ideação suicida em algum momento da vida, 25 participantes responderam que sim, enquanto 13 disseram que não. A respeito de quanto tempo a ideação suicida foi vivenciada, as respostas foram: mais de 5 anos (n= 9), menos de 6 meses (n=8), de 6 meses a 1 ano (n=4), de 1 ano a 2 anos (n=3) e de 2 a 4 anos (n=2). Ao serem questionados se a ideação ocorreu após vivenciar algum tipo de violência, 15 responderam que sim e 13 responderam que não. A fala da participante Erika Hilton (nome fictício) exemplifica os dados de ideação suicida aqui expostos: *“comecei a ter ideação suicida logo após ser expulsa de casa aos 14 anos quando minha mãe descobriu minha sexualidade”* (25 anos, mulher cisgênero, pansexual, branca).

Violência

Dos 38 participantes do estudo, 23 relataram ter vivenciado algum tipo de violência motivada por suas identidades de gênero e/ou orientações sexuais. É importante destacar que, entre os 15 participantes que afirmaram nunca ter experienciado violência motivada por tais questões, 2 deles justificaram essa ausência pelo fato de manterem sua sexualidade em segredo. Em relação aos entendimentos do que é violência, dentre as opções apresentadas, os participantes reconheceram predominantemente as seguintes formas de violência: psicológica (n=38), física (n=37), sexual (n=37), intrafamiliar (n=37) e social (n=37). Enquanto a violência econômica foi a menos reconhecida (n=34).

Além disso, através das definições de violência fornecidas pelos participantes, pode-se entender que violência é: toda forma de agressão (n=22), qualquer ação que causa danos/diminua alguém (n=8), violação de direitos (n=3), toda forma de desrespeito (n=3), opressão (n=2), despertar a vulnerabilidade de alguém (n=2), ameaças (n=2), humilhações (n=2), violência autodirigida (n=2), desqualificar alguém (n=1),

discriminação (n=1), ultrapassar os limites de outrem (n=1) e ações resultadas de sentimentos negativos (n=1). Na macrocategoria mencionada, destaca-se a fala da participante Erika Hilton (nome fictício), que descreve a violência como uma: “*estrutura de linguagem/ação que invalida, silencia ou prejudica alguma existência*” (25 anos, mulher cisgênero, pansexual, branca).

Após reconhecerem as violências dentre as opções expostas, os participantes foram questionados se já haviam vivenciado alguma das violências apresentadas. Com isso, 31 participantes responderam que sim à essa questão, 2 participantes mencionaram ter presenciado outras pessoas sofrerem violências, 2 afirmaram não ter vivenciado nenhuma violência e 1 resposta não foi especificada. Desse modo, as violências vivenciadas pelos participantes foram: violência psicológica (n=21), violência sexual (n=18), violência social/escolar (n=13), violência intrafamiliar (n=10), violência física (n=7) e violência verbal (n=1).

A respeito do que sentiram os participantes após vivenciar uma situação de violência, obteve-se as seguintes descrições: deprimido (n=10), impotente (n=8), culpado (n=6), vulnerável (n=4), sujo (n=4), apêndice inútil (n=3), medo (n=3), baixa autoestima (n=3), desrespeitado (n=3), humilhado (n=3), anormal (n=2), descrente (n=2), oprimido (n=2), reprimido (n=2), desconfortável (n=1), problemas na autonomia (n=1), insegurança (n=1), despersonalização (n=1), sem poder do próprio corpo (n=1), desprezível (n=1), invadido (n=1) e menosprezado (n=1). Um trecho que representa a sensação pós-violência de Liniker (nome fictício) é: “*me senti reprimida, triste, suja, e como se eu não merecesse mais nada de bom na vida*” (20 anos, mulher cisgênero, lésbica, branca). Para Luis Mott (nome fictício), vivenciar uma situação de violência o fez sentir-se: “*incapaz, humilhado, sujo, sem poder do próprio corpo*” (24 anos, homem cisgênero, bissexual, pardo). Assim como Indianarae Siqueira (nome fictício), que relata ter se sentido: “*como alguém que não merece respeito, alguém sem valor*” (19 anos, não-binário, pansexual, pardo).

Sofrimento ético-político

As respostas referentes ao sofrimento ético-político foram contempladas em 3 macrocategorias, apresentadas na Tabela 2, juntamente com suas respectivas categorias.

Tabela 2. Categorização do sofrimento ético-político.

Macrocategorias/Categorias	n
Sabe o que significa sofrimento ético-político	
Não	23
Sim	14
Já se sentiu como descreve o conceito	
Sim	22
Não respondeu	10
Não	6
Vivências de sofrimento ético-político	
Repressão de desejos e afetos	8
Sofrimento potencializado pelas interseccionalidades	4
Estratégias de proteção	3
Sofrimento antes e após declarar a sexualidade e/ou o gênero	3
Despertencimento	3
Importância do acesso à informação	2
Inferioridade	1
Sociedade do ódio	1

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Em relação à vivência de sofrimento ético-político, apesar de 22 participantes terem afirmado vivenciá-lo, 5 pessoas não especificaram, portanto, as respostas advêm de 17 participantes. Observa-se que, inicialmente, a maioria afirmou não conhecer o conceito de sofrimento ético-político. No entanto, ao lerem a definição, mostraram se identificar com o descrito. Relataram que o sofrimento ético-político surge, sobretudo, por meio da repressão de desejos e afetos em diversos contextos, tais como: núcleo familiar, locais públicos, estabelecimentos comerciais, ambiente de trabalho, internet, religião, no desrespeito de pronomes e dentro da própria comunidade LGBTQIA+, devido à falta de acesso a informações e reflexões, no qual são reproduzidas as experiências vividas no exogrupo³. É possível identificar este ponto por meio da fala de Indianarae Siqueira (nome fictício) (19 anos, não-binário, pansexual, pardo):

Em muitos momentos me senti como alguém não pertencente ao mundo. Quando

³ O conceito de exogrupo se conecta ao de endogrupo, estando ambos relacionados ao processo de identificação e categorização social. Endogrupo se refere ao grupo com o qual me reconheço pertencente, por sua vez, exogrupo indica o grupo externo, do qual não me identifico (Tajfel, 1983).

estas pequenas coisas se somam, qualquer situação pode ser estopim para uma crise: um desrespeito de pronome, invalidação de afetos ou simplesmente esquecer que pessoas como você existem.

Linn da Quebrada (nome fictício) (25 anos, mulher cisgênero, lésbica, branca) reforça a questão da repressão de desejos e afetos, dizendo:

Sempre senti que os meus afetos com outras mulheres não poderia ser algo público, que a minha vivência e o meu amor não é algo que deveria existir. Sempre senti medo de sofrer alguma violência em público, seja sozinha ou em casal e isso impacta na minha autoestima, pois me sinto menor e inadequada nos espaços por conta da minha sexualidade e não me sinto livre para ser e trocar afetos com quem desejo.

Outro ponto destacado pelos participantes foi a potencialização do sofrimento ético-político devido às interseccionalidades⁴ de gênero, sexualidade, cor/etnia, classe social, entre outras. Conforme descreve a participante Marielle Franco (nome fictício) (30 anos, mulher cisgênero, bissexual, amarela):

Ocupar o lugar de mulher na sociedade sempre foi difícil. Todas as gerações anteriores a minha sofreram violências que seguem debaixo de nossas peles. São incontáveis e cruéis. Somar ao gênero então raça não branca, fuga da heteronormatividade, fazer parte da classe trabalhadora e pobre do país, nos torna alvos permanentemente. O sistema é cruel e nos quer exterminar, e se não for possível, que estejamos no mínimo muito bem manipulados.

O participante Luis Mott (nome fictício) expõe mais um exemplo que ilustra a atuação das interseccionalidades na vivência dessa população: “para os negros e

⁴ A interseccionalidade defende que as categorias de raça, etnia, classe social, gênero, sexualidade, nacionalidade, capacidade física, faixa etária, entre outras, são construtos que não podem ser analisados separadamente, pois estão inter-relacionados e moldam entre si os fenômenos sociais (Collins et al., 2021).

LGBTQIA+, sabemos do peso que é ser um negro brasileiro. Todas as camadas da nossa vida social/econômica refletem infelizmente a realidade brasileira. Não é algo que possa ser separado, porém faz parte da luta do negro viver dessa forma” (24 anos, homem cisgênero, bissexual, pardo).

Desprotegidos pela sociedade, a população LGBTQIA+ precisa buscar estratégias de proteção para desviar do sofrimento ético-político cotidianamente, seja ao buscar grupos que os aceitem ou analisar os espaços que são seguros frequentar e manifestar seus afetos. Pode-se observar estas estratégias através das seguintes falas: *“atualmente, é mais difícil eu me sentir assim, por ser abertamente assumida e ter uma rotina em que eu saiba onde pisar”* (Marisa Fernandes (nome fictício), 23 anos, mulher cisgênero, lésbica, branca); *“ousou em dizer que atualmente minhas amigas são de pessoas héteros, que me aceitam e dos quais não preciso me tornar um “gay padrão” para ter amigos”* (David Miranda (nome fictício), 26 anos, homem cisgênero, gay, branco).

Dentre as respostas, identificou-se que os participantes reconheceram experienciar o sofrimento ético-político predominantemente durante o processo de descoberta e aceitação das suas orientações sexuais e/ou identidades de gênero. A participante Alice Oliveira (nome fictício) afirmou ter vivenciado o sofrimento ético-político e completou: *“principalmente na adolescência, a partir de 12 anos, quando me percebi mulher atraída sexualmente por mulheres”* (30 anos, mulher cisgênero, lésbica, branca). Assim como a participante Marisa Fernandes (nome fictício): *“já me senti assim em situações cotidianas, no ambiente de trabalho ou na socialização com alguns grupos, por exemplo, especialmente no início do processo de aceitação”* (23 anos, mulher cisgênero, lésbica, branca).

Destaca-se também o sentimento de não pertencer ao mundo e a importância do acesso à informação, tanto no que se refere às consequências da falta de acesso a ela, como os altos índices de Infecções Sexualmente Transmissíveis em pessoas LGBTQIA+, quanto às diferenças que ela faz nas experiências dessa população, seja ao conhecer a sociedade em que se vive ou a si próprio. Além disso, os participantes trouxeram a relação entre sujeito e sociedade no despertar do sofrimento ético-político, através do ódio semeado pela sociedade à população LGBTQIA+, e, por meio do sentimento de inferioridade que surge por estar fora da norma e não conseguir exercer o papel social de

pai e mãe em uma família tradicional.

Em suma, os resultados apresentados por meio das categorias de saúde mental, violência e sofrimento ético-político indicam que a violência é um dos fatores determinantes para o declínio da saúde mental da população LGBTQIA+, culminando no sofrimento ético-político. Esse declínio é notado tanto pelo alto índice de diagnósticos quanto pelo alto índice de ideação suicida (n=25). É importante ressaltar que, dentre esses 25, 15 afirmaram que a ideação suicida surgiu após vivenciarem alguma violência. Em relação à violência, destaca-se a predominância de experiências violentas decorrentes das identidades de gênero e/ou orientações sexuais dos participantes (n=23). Contudo, 31 dos 38 participantes afirmaram já ter vivenciado alguma violência, sendo a violência psicológica a mais experienciada entre eles (n=21). Em conclusão, a pesquisa apontou que a maioria dos participantes já vivenciou o sofrimento ético-político (n=22). Essas vivências evidenciam que a expressão mais comum desse sofrimento ocorre por meio da repressão dos desejos e afetos, o que, conseqüentemente, implica na repressão de circular entre os espaços livremente. Além disso, o estudo destaca os efeitos das interseccionalidades, que estabelecem a inter-relação entre as categorias de raça/cor, gênero, sexualidade, classe social e outros marcadores, potencializando assim o sofrimento ético-político vivenciado por essa população.

Discussão

Conforme identificado no presente estudo, a violência é um fenômeno multifacetado que pode comprometer significativamente a saúde mental da população LGBTQIA+ e dar margem à manifestação do sofrimento ético-político. Em paralelo aos indicadores de violências expostos pelos participantes, os índices de violência no Brasil indicam altos registros entre os anos 2020 e 2021, de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022), no qual foram registrados 2.990 casos de agressões, 346 casos de homicídios e 274 casos de abuso sexual contra a população LGBTQIA+. Ainda segundo os dados expostos anteriormente, no ano de 2022 houve um aumento significativo nestes registros: 35,2% casos a mais de agressões, 7,2% a mais de homicídios e um aumento de 88,4% nos casos de abuso sexual contra pessoas identificadas como LGBTQIA+. Embora os números registrados sejam alarmantes, cabe

ressaltar que há uma imensa subnotificação dos casos de violência, mesmo quando notificados, visto que nem sempre são enquadrados como violência de caráter LGBTfóbico (Gonçalves et al., 2020).

Indicativos comprovam que a violência mais dirigida às pessoas LGBTQIA+ é a de natureza psicológica, manifestada por meio de ameaças, humilhações, intimidação, discriminação e repressão do convívio social (Albuquerque et al., 2016; Albuquerque & Parente, 2018). Um estudo realizado por Pinto et al. (2020) analisou o perfil das notificações de violências em pessoas LGBTQIA+ registradas no Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN) durante 2015 a 2017. Com isso, os autores identificaram que os locais em que as violências mais ocorrem são a residência da vítima, a escola e os locais públicos. Em relação aos autores das violências, ressalta-se os familiares como autores mais notificados por adolescentes de 10 a 14 anos e idosos, à medida em que os adolescentes entre 15 e 19 anos notificaram principalmente a família e parceiros íntimos. No que se refere aos adultos, destacaram-se as violências perpetradas por parceiros íntimos. Observa-se que os dados expostos nos estudos estão em concordância com os apresentados nesta pesquisa, no qual se destacaram a violência psicológica e a violência social/escolar como as mais vivenciadas entre os participantes, além dos relatos de repressão no ambiente familiar.

Dentre as vivências de sofrimento ético-político, a população LGBTQIA+ expõe os efeitos das interseccionalidades como elementos potencializadores. As interseccionalidades expressam que o sofrimento ético-político não atravessa a todos da mesma forma, pois, o modo com que gênero, sexualidade, raça/etnia e classe social se interseccionam pressupõe sofrimentos particulares e, por vezes, intensificados. Crenshaw (2002) descreve que as interseccionalidades não são meras sobreposições de opressões, mas expressam as consequências da inter-relação entre duas ou mais formas de subordinação. Neste sentido, concomitante à LGBTfobia, a população LGBTQIA+ ainda tem seus corpos marcados com os efeitos do patriarcado, racismo, capacitismo e das desigualdades econômicas. As intersecções destas categorias potencializam vulnerabilidades e pré-determinam os espaços em que pessoas LGBTQIA+ serão inseridas e constituirão suas vivências (Luz, 2011).

Dadas as informações apresentadas até o momento, refletir sobre a dimensão da afetividade nos permite compreender como a população LGBTQIA+ é afetada por sua

situação social. O discurso LGBTfóbico possui como principal objeto o rompimento dos vínculos afetivos destes sujeitos, pois todo afeto que não seja o heterocisnormativo é considerado anormal e pecaminoso (Castro & Ferrari, 2017). Neste contexto, surge a repressão dos desejos e afetos, exposta pelo sofrimento ético-político. De acordo com Sawaia (2001), o sofrimento ético-político relata a negação social de muitos acessarem produções materiais, culturais e sociais de seu tempo, frequentar determinados espaços públicos e manifestar seus desejos e afetos. Conforme relatado pelos participantes desta pesquisa, a repressão de desejos e afetos implica também na repressão do convívio social, visto que frequentemente é preciso reprimir-se nos espaços, não apenas para evitar situações de violência, mas também a potencialização do sofrimento ético-político.

Uma forma explícita na qual percebe-se o efeito das violências e do sofrimento ético-político, é o sentimento de não merecimento da felicidade, de inexistência. Conforme citado anteriormente neste estudo, a violência enxerga os sujeitos como antagônicos à razão e à liberdade, tratando-os não como seres humanos, mas como coisa – coisa alguma (Chauí, 2019). Esta afirmação se assemelha às sensações pós-violência descritas pelos participantes, no qual se sobressaíram os sentimentos de tristeza, incapacidade, culpa e fragilidade, ou seja, sujeitos sem razão, vazios. Neste sentido, a vivência de sofrimento ético-político manifesta no corpo o sentimento de subalternidade e inutilidade, fomentando um sofrimento capaz de paralisar e torná-los inertes, passivos perante à sociedade (Sawaia, 2001). No entanto, isso pode ser compreendido como resultado da concepção de que existem corpos que importam e corpos cuja vida é classificada como descartável, não importante (Prins & Meijer, 2002). Ora, como me sentir pertencente ao mundo, quando o próprio mundo não me considera parte dele?

Conforme identificado, a saúde mental da população LGBTQIA+ é diretamente afetada pelas experiências de violências, produzindo sofrimentos psíquicos e, muitas vezes, ideações suicidas. Segundo o Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil (2023), esta população está mais suscetível à ideação suicida e apresenta maiores índices de suicídios do que pessoas cisheterossexuais. Dados de 2022 deste observatório mostraram que neste ano foram registrados 30 casos de suicídio de pessoas identificadas como LGBTQIA+, destacando a existência dos dados subnotificados. Cabe ressaltar que esse alto índice de suicídios não tem relação com adversidades individuais no campo da saúde mental, pois é resultado de uma sociedade dominada por violência e relações de

poder, culminando em diversas expressões de sofrimento, como o sofrimento ético-político (Araújo, 2019).

Contudo, é fundamental discutir sobre a prevalência de um olhar individualizante e biologizante no que se refere ao cuidado em saúde mental desta população. Além de desconsiderar o contexto histórico, político e social em que estas pessoas estão inseridas, esse olhar restrito dá margem à denominada medicalização e patologização da vida. De acordo com Moyses e Collares (2007), a medicalização da vida transfere a responsabilidade dos problemas sociais para o indivíduo e transforma problemas sociais em questões biológicas. Além disso, Amarante (2013) aponta que o modelo biomédico compreende a doença como um objeto natural, ignorando a problemática que envolve o processo de adoecer do sujeito. Assim, patologiza-se e medicaliza-se o sintoma, desvirtuando-o do problema social e focado no indivíduo.

Portanto, discutir o sofrimento ético-político vivenciado pela população LGBTQIA+ também representa uma tentativa de romper com a patologização das problemáticas sociais. Isso é evidenciado pelos resultados apresentados nesta pesquisa, os quais mostram que o sofrimento dessa população, mesmo quando enquadrado em categorias diagnósticas, provém, em sua maioria, das condições sociais nas quais os sujeitos estão inseridos – condições essas marcadas por discriminação, violência e repressão.

A partir das reflexões apresentadas, emerge ainda a pergunta: quais são os espaços seguros encontrados pela população LGBTQIA+? Os espaços seguros, também conhecidos como espaços de sociabilidade (Ferrari & Mazzei, 2020; Barreto, 2021), desempenham um papel de suma importância como pontos de resistência, expressão e afirmação das identidades de gênero e orientações sexuais dessa população. Esses espaços proporcionam interação e identificação entre os seus semelhantes, além de oferecer um ambiente de refúgio e acolhimento, onde as pessoas estão menos expostas a situações de violências e discriminações. Ademais, é comum encontrar nesses espaços de sociabilidade elementos que remetem à subcultura LGBTQIA+, como símbolos e bandeiras, o que fomenta o sentimento de pertencimento (Barreto, 2021). Ferrari e Mazzei (2020) corroboram com essa perspectiva ao enfatizar que, no caso dos homossexuais, os espaços seguros encontrados são os grupos organizados, os bares e baladas, as amizades e a homoparentalidade. Por fim, conclui-se que, “nesses espaços, as histórias e as vozes

[...] não são de vítimas, mas de sobreviventes” (p. 36).

Em síntese, o sofrimento ético-político faz parte do cotidiano da população LGBTQIA+. Os dados apresentados ao longo deste estudo evidenciam como o sofrimento ético-político pode ser moldado pelas violências. Tais violências resultam, por meio da opressão, na repressão da própria existência, tanto no corpo quanto no contexto social do sujeito, visto que o sofrimento ético-político surge da interação do sujeito com sua situação social e do que ele absorve a partir dessa interação. Desse modo, a repressão dos desejos e afetos aparece como o ponto central de suas experiências, a qual vem acompanhada da repressão de circular entre os espaços livremente, pois é na sombra desses espaços que a violência os observa. Contudo, cabe ressaltar que, assim como a violência encontra alguns mais do que outros, o sofrimento ético-político também é sentido com mais intensidade quando interseccionado com questões de cor/raça, gênero, sexualidade, classe social e outros marcadores sociais. Em conclusão, o sofrimento ético-político na vivência LGBTQIA+ é atravessado por diversas questões, como a repressão de suas afetividades e existências no meio social, a construção de suas experiências com base na inter-relação entre seus marcadores sociais, o impacto na saúde mental com ideações suicidas e altos índices de suicídio, além da tentativa de apagamento de suas subjetividades.

Considerações Finais

O presente estudo buscou discutir sobre as influências do sofrimento ético-político na vivência LGBTQIA+. Através das respostas dos participantes, tornou-se evidente a presença de diversas experiências de violências, inclusive no que se refere às violências vivenciadas em virtude de suas identidades de gênero e/ou orientações sexuais, destacando-se a violência psicológica como a mais experienciada entre eles. Como resultado dessas vivências, surgiram relatos de pós-violência que conferem significado ao sofrimento ético-político, evidenciando o impacto das diversas formas de violência na saúde mental de pessoas LGBTQIA+, até mesmo em relação aos índices de ideação suicida.

Essa população enfrenta uma intensa repressão que os impede de expressar livremente seus desejos e afetos, bem como de frequentar determinados espaços públicos

que podem expô-los a situações de violências e potencializar o sofrimento ético-político. É fundamental evidenciar o papel das interseccionalidades no contexto do sofrimento ético-político, conforme descrito pelos participantes do estudo, pois as categorias de gênero, sexualidade, raça/etnia, classe social, entre outras, não apenas pré-determinam suas posições na sociedade, mas também moldam suas formas de sofrer.

Devido à escassez de estudos sobre o tema, esta pesquisa encontrou algumas limitações ao explorar os aspectos do sofrimento ético-político na vivência LGBTQIA+. Por isso, é importante ressaltar a relevância dos relatos dos participantes para a compreensão dessa problemática. Embora existam obras na literatura que abordam os modos de expressão do sofrimento ético-político, especialmente as escritas pela Bader Sawaia, há uma lacuna em obras que relacionem esse conceito à população LGBTQIA+. No entanto, faz-se importante ressaltar e referenciar as obras que contribuíram para o desenvolvimento das investigações deste estudo, como as realizadas por Araújo (2019) e Dias e Arruda (2021).

Outras limitações encontradas na pesquisa estão relacionadas às características sociodemográficas dos participantes. A maioria das pessoas eram brancas, cisgêneras e com uma condição financeira acima da média nacional, o que as coloca em uma posição de contraste quando se discute os efeitos psicossociais das violências contra pessoas dissidentes de sexualidade e gênero. Além disso, as perguntas abertas adotadas na pesquisa podem ter sido desafiadoras para alguns participantes, o que resultou em uma considerável abstenção de respostas que exigiam escrita.

Portanto, é evidente que a violência e o sofrimento ético-político fazem parte da vivência LGBTQIA+. Em vista disso, propõe-se a realização de pesquisas-ação com o público em questão, a fim de trabalhar o quanto essa vivência os impacta psicologicamente e socialmente. Além disso, sugere-se ações que trabalhem a temática do preconceito e da discriminação nas comunidades, com o objetivo de não só desenvolver estudos que discutam a respeito das experiências de violências e sofrimento ético-político, mas também agir efetivamente na problemática exposta.

Por fim, ainda que tenhamos discutido, ao longo do estudo, sobre o conceito de sofrimento ético-político no singular, percebe-se um sentido maior ao empregar o uso do termo sofrimentos ético-político. Falar sobre sofrimentos ético-político abrange a compreensão de que existem diversas manifestações e vivências desse sofrimento,

influenciadas por fatores como os expostos pelas interseccionalidades. Portanto, ao adotar o plural, reconhecemos a pluralidade de experiências e a multiplicidade de formas pelas quais o sofrimento ético-político se manifesta, sobretudo na vivência LGBTQIA+.

Referências

- Albuquerque, G. A., & Parente, J. S. (2018). Violência perpetrada contra o grupo LGBT: Interfaces com desordens fisiológicas e psicológicas nas vítimas. *Tempus Actas de Saúde Coletiva*, 11(4), 171. doi: doi.org/10.18569/tempus.v11i4.1927
- Albuquerque, G. A., Parente, J. S., Belém, J. M., & Garcia, C. de L. (2016). Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil. *Saúde Em Debate*, 40(109), (pp. 100–111). doi: doi.org/10.1590/0103-1104201610908
- Amarante, P. (2013). *Saúde mental e atenção psicossocial*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Araújo, T. B. de. (2019). Suicídio LGBTQIA+: do sofrimento ético-político às políticas públicas de prevenção. In *Sexualidade & Política: Revista Brasileira de Políticas Públicas LGBTI+*. Vol. 1, n. 1. São Paulo: TODXS.
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Barreto, R. C. V. (2021). Identidade, território e memória: uma análise dos espaços de sociabilidade LGBTQ+ [Resumo]. In *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, 12 (Anais Eletrônicos). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Bockorni, B. R. S., & Gomes, A. F. (2021). A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da Administração. *Revista de Ciências Empresariais Da UNIPAR*, 22(1). doi: doi.org/10.25110/receu.v22i1.8346
- Brasil, Ministério da Saúde. (2015). *Centros de Atenção Psicossocial e Unidades de Acolhimento como lugares da atenção psicossocial nos territórios: orientações para elaboração de projetos de construção, reforma e ampliação de CAPS e de UA*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Caceres Gonçalves, M., & Peres Gonçalves, J. (2021). Gênero, identidade de gênero e orientação sexual: conceitos e determinações de um contexto social. *Revista Ciências Humanas*, 14(1). doi: doi.org/10.32813/2179-1120.2021.v14.n1.a600
- Castro, R. P. de; Ferrari, A. (2017). A "ideologia de gênero" e os processos educativos nos discursos religiosos: efeitos de saber-poder-verdade. In Ferrari, A.; Castro, R. P. de (Orgs). *Diversidades sexuais e de gêneros: desafios e potencialidades de um campo de pesquisa e conhecimento*. (pp. 75-100). São Paulo: Pontes Editores.

- Chauí, M. (2019). O que é democracia? In M. L. Lopedote; D. S. Mayorca; D. Negreiros; M. A. Gomes; T. Tancredi (Orgs.). *Corpos que sofrem: Como lidar com os efeitos psicossociais da violência?* (pp. 82-101). São Paulo: Elefante.
- Collins, P. H., Bilge, S., Souza, R., & Bueno, W. (2021). *Interseccionalidade*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo.
- Crenshaw, K. (2002). *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. *Estudos Feministas*. Ano 10, vol. 1. Recuperado de www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf
- Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2006). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11(suppl), (pp. 1163–1178). doi: doi.org/10.1590/s1413-81232006000500007
- de Baére, F., & Zanello, V. (2023). A saúde mental nas ondas do movimento LGBTQIA+ brasileiro. *Historiæ*, 13(1), (pp. 129–150). Recuperado de periodicos.furg.br/hist/article/view/12302
- Dias, G. A. & Arruda, M. A. (2021). Violentas e/ou Violentadas? Travestis, Violência e Sofrimento Ético-Político. *Revista FSA*, 18(5), (pp. 179–196). doi: doi.org/10.12819/2021.18.5.11
- Ferrari, A., & Mazzei, L. D. (2021). Quais são os espaços seguros para as homossexualidades? *Revista Debates Insubmissos*, 3(11), 30. doi: doi.org/10.32359/debin2020.v3.n11.p30-52
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2022). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. Recuperado de forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas.
- Gonçalves, A. C., Spinelli, A. C. L., Ferrazzo, B., Carvalho, B. P. de, Batista, C., Monteiro, E., Hernandez, E., Marti, G., Souza, G. R. de A. e, Lagazzi, J. V., Fraige, J., Reimberg, J., Mendonça, L., Reibscheid, M., Ades, M., & Wei, S. S. (2020). *A violência LGBTQIA+ no Brasil*. Recuperado de hdl.handle.net/10438/29886
- Luz, R. dos S. (2011). A Intersecção dos Conjuntos: gays e lésbicas negras em confronto com as hegemonias e sub-hegemonias. In Venturi, G.; Bokany, V. (Orgs.). *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*. (pp. 119-129). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Minayo, M. C. S. (2006). *Violência e saúde* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

- Moysés, M. A. A. & Collares, C. A. L. (2007). Medicalização: elemento de desconstrução de direitos. In Comissão Regional de Direitos Humanos do CRP-RJ (Org.). *Direitos Humanos: O que temos a ver com isso?* (pp. 153-168). Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia.
- Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil. (2023). *Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2022*. Florianópolis: Acontece, ANTRA, ABGLT. Recuperado de observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2022/
- Pinto, I. V., Andrade, S. S. de A., Rodrigues, L. L., Santos, M. A. S., Marinho, M. M. A., Benício, L. A., Correia, R. S. de B., Polidoro, M., & Canavese, D. (2020). Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Brasil, 2015 a 2017. *Revista Brasileira De Epidemiologia*, 23, e200006.SUPL.1. doi: doi.org/10.1590/1980-549720200006.supl.1
- Piscitelli, A. (2009). Gênero: a história de um conceito. In Almeida, H. B. de; Szwako, J. E. *Diferenças, igualdade*. (pp. 116-148). São Paulo: Berlendis & Vertecchia.
- Prins, B., & Meijer, I. C. (2002). Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), (pp. 155–167). doi: doi.org/10.1590/s0104-026x2002000100009
- Sawaia, B. B (Org.). (2001). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- Tajfel, H. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais II*. Lisboa: Livros Horizon-te.